

Descrição e análise do sistema consonantal do português arcaico no Pergaminho Vindel

Daniel Soares da Costa

Av. Ferroviária nº 1420 – Centro – Ibitinga – SP – Brasil

Resumo. *Este artigo descreve e analisa o sistema consonantal do português das cantigas de Martin Codax no Pergaminho Vindel (final do século XIII ou princípios do XIV). Após a decifração da escrita das cantigas, foi feito o mapeamento de todas as representações possíveis para as consoantes das palavras registradas no Pergaminho Vindel. A partir daí, partiu-se para uma investigação a respeito das relações entre os grafemas e os fonemas na escrita do Pergaminho. Os dados obtidos foram analisados com base no instrumental fornecido pelas teorias fonológicas não-lineares.*

Palavras-chave. *Fonologia; Sistema Consonantal; Português Arcaico; Martin Codax.*

Abstract. *This paper analyses the consonantal system of Martin Codax's Portuguese in the Vindel Parchment (end of the XIII century or beginning of the XIV). After deciphering the writing system of the songs we mapped all the possible consonantal representations of the words and investigated the relations between characters and sounds. The obtained data were interpreted in Non-Linear Phonology perspective.*

Keywords. *Phonology; Consonantal System; Medieval Portuguese; Martin Codax.*

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo descrever, por meio da análise das 7 cantigas de Martin Codax presentes no *Pergaminho Vindel*, o sistema consonantal do português usado por ele na composição das suas cantigas.

2. Metodologia

O primeiro passo a ser dado consiste em fazer a decifração da escrita da cantiga. Para isso é feita uma comparação da edição fac-similada do manuscrito (edição de Ferreira, 1986) com uma versão já publicada que, no caso deste trabalho, é a versão publicada por Celso Cunha (1999, p. 350). A partir dessa comparação elabora-se uma terceira versão, correspondente à nossa interpretação da escrita do manuscrito.

Feita a versão, parte-se para uma listagem de todas as palavras da cantiga, separando-as conforme a posição que o grafema consonantal ocupa na sílaba; se na

posição de *onset* (simples ou complexo) ou na posição de coda (no caso só foram encontradas codas simples).

Terminado o mapeamento de toda a cantiga, parte-se para a interpretação do valor das representações consonantais encontradas, a qual é feita a partir da perspectiva da posição que cada consoante ocupa na sílaba, dentro da hierarquia dos constituintes estabelecida pelos modelos fonológicos não-lineares.

Em seguida, é realizada uma investigação acerca das relações entre letras e sons, a partir do estabelecimento de contextos de ocorrência e variações na escrita possíveis para uma mesma palavra, ou palavras que contenham contextos de ocorrência semelhantes para um dado valor consonantal. Convém dizer que, para se estabelecer os contextos de ocorrência e poder notar as variações na escrita, são utilizadas as análises de todas as cantigas do *Pergaminho*, permitindo, dessa forma, uma comparação entre todas as palavras encontradas.

3. Discussão

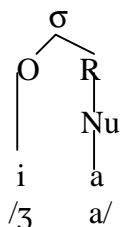
A análise das cantigas permite levantar uma discussão a respeito de alguns casos de representação de consoantes que geram dúvidas quanto à interpretação do seu status no modelo silábico. Os casos encontrados são:

3.1. “i” com função de consoante

Foi notada a ocorrência da palavra “igreja”, sendo que a sua representação gráfica no *Pergaminho* é “ÿgreia”.

Segundo Mattos e Silva (2001), uma das origens do som /ʒ/, encontrado na última sílaba da palavra “igreja”, vem da consonantização da semivogal “i” do latim, como em “/i/acere” > /ʒ/azer”, na palatal sonora /ʒ/. A autora ainda afirma que podem ocorrer outras variantes gráficas para a representação dessa mesma palatal na escrita manuscrita medieval, tais como “gi, yy, yi, j, y e g”.

Com essa informação, podemos concluir que o grafema “i” da última sílaba da palavra “ÿgreia” não representa uma semivogal, mas sim uma consoante palatal sonora, ocupando a primeira posição da sílaba, o *onset*. Portanto, a estrutura da sílaba em questão pode ser representada da seguinte maneira:

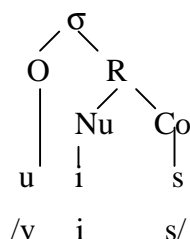


3.2. “u” com função de consoante

A representação gráfica “u” ocupa, em várias palavras usadas por Martin Codax, a posição de *onset* na sílaba. Comparando com a versão de Cunha (1999), podemos perceber que se trata da representação da consoante “v”. Mattos e Silva (2001) conclui

que a consoante constritiva labiodental sonora /v/ provém da consonantização da semivogal posterior /u/ do latim, pelo fenômeno fonético de intensificação articulatória. Tal representação pode ser entendida, então, como um provável resquício da grafia latina. Em todo caso a estrutura da sílaba em que aparece o grafema “u” é a seguinte:

Palavra “uistes”



3.3. Grafema “ll”

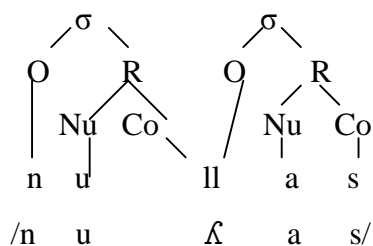
O grafema “ll” aparece em duas palavras: “nullaſ” e “ollos” (*nulhas* e *olhos* na versão de Cunha, 1999).

A dúvida sobre o status fonológico dessa consoante paira sobre o seu comportamento – se ela se comporta como uma consoante simples ou como uma geminada.

Wetzels (2000) defende que as laterais e nasais palatais no Português Brasileiro comportam-se como uma consoante geminada. Em favor dessa afirmação, aponta para o fato de que as sílabas que precedem uma soante palatal são sempre leves e que sempre se cria hiato no caso de seqüências de vogal + vogal alta que precedem /ɲ, ʎ/ como em “moinho” e “faúlha”. Além disso, quando /ɲ/ e /ʎ/ estão no *onset* da última sílaba da palavra, o acento nunca cai na antepenúltima sílaba, como em “alcunha”.

Apesar de não ter sido encontradas, no sistema consonantal do Pergaminho Vindel, palavras suficientes para preencher todos os contextos de ocorrência de /ʎ/ apontados por Wetzels, o /ʎ/ nas palavras *nullas e ollos* (*nulhas e olhos*) é precedido por sílabas leves, o que nos leva a crer que no Português Arcaico, esta consoante tem o mesmo comportamento apontado por Wetzels para o Português Brasileiro.

Aceito o *status* de geminada para a consoante /ʎ/, a estrutura da sílaba em que aparece o grafema “ll” fica representada da seguinte maneira:

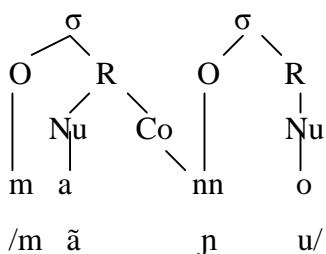


3.4. Grafema “nn”

O grafema “nn” aparece nas seguintes palavras: “jenneira” e “manno” e “bannar” (“senheira” e “manho” e “banhar”, na versão de Cunha, 1999). O grafema “nn” é, portanto, uma representação antiga que corresponde ao “nh” que pode ser encontrado na grafia do português atual, exercendo, dessa forma a função de dígrafo e representando o som /ɲ/.

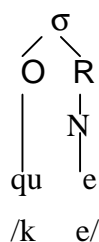
Wetzels (2000) afirma que, embora ocorra exclusivamente em posição intervocálica, a nasal palatal se comporta como se fosse uma consoante na coda. Além disso, toda a argumentação em favor do comportamento como uma consoante geminada, para a lateral palatal /ʎ/ do item anterior, também se aplica para a nasal palatal /ɲ/.

Dessa forma, a estrutura da sílaba em que aparece o grafema “nn” pode ser representada da seguinte maneira:



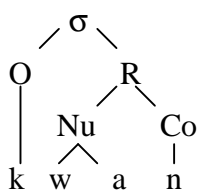
3.5. Grafema “qu”

O grafema “qu” aparece, nas cantigas do Pergaminho, representando o som /k/, ocupando a posição de *onset* na sílaba, o que lhe atribui uma provável função de dígrafo. Neste caso, a estrutura da sílaba em que “qu” aparece é a seguinte:



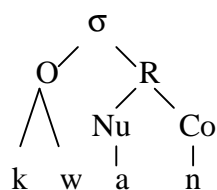
No entanto, há palavras em que o “u” da seqüência “qu” é pronunciado, como, por exemplo, na palavra “quantas”, em que aparece a semivogal alta posterior /w/ entre o /k/ e o /a/. Neste caso, há 3 possibilidades de interpretação para a estrutura da sílaba:

(1)



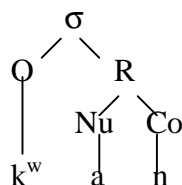
- nesta interpretação, o /k/ está no onset e o /w/ está na rima, sendo, portanto, uma sílaba pesada, uma vez que possui duas posições moraicais preenchidas.

(2)



- nesta interpretação, os segmentos /k/ e /w/ encontram-se separados, mas no *onset* da sílaba.

(3)



- nesta interpretação, os elementos /k/ e /w/ encontram-se juntos no *onset* da sílaba, o que é próprio de uma consoante labializada.

A maior dúvida gerada por essas interpretações é a de saber qual a posição da semivogal /w/ na planilha silábica (no *onset* ou no núcleo?).

Se admitirmos que a seqüência “qu” é segmento simples, conseqüentemente admitimos que a semivogal ocupa a posição de núcleo junto com uma vogal, formando um ditongo crescente, portanto, uma sílaba pesada.

Numa análise do ritmo do Português Arcaico, baseada na recorrência de troqueus moraicos, que leva em consideração o peso silábico para a atribuição de acento (Massini-Cagliari, 1999), podemos verificar que a semivogal /w/ não pode ocupar uma posição no núcleo da sílaba porque, apesar de a sílaba “quan” ser pesada, possuindo 2 moras, não é a semivogal que determina o seu peso, mas sim o travamento silábico nasal presente na coda que ramifica a rima, tornando a sílaba pesada. Se fosse essa semivogal que determinasse o peso da sílaba, algumas palavras do português teriam o seu acento em outro lugar, como em *água* > *aguá*, *ambíguo* > *ambiguó*, etc.

A partir desse argumento, podemos concluir que, das 3 possibilidades de interpretação, as mais prováveis são as que consideram a semivogal /w/ como parte do *onset* da sílaba, já que o comportamento das sílabas desse tipo não corresponde a um ditongo crescente pesado localizado no núcleo silábico.

4. Resultados

Como resultado de toda esta investigação, tem-se o levantamento de todos os grafemas consonantais que são constituintes do português utilizado por Martin Codax na elaboração das suas cantigas. São eles: *b; c; ch; d; f; g; i* (com função de consoante); *l; ll; m; n; nn; p; qu; r; rr; s; t; u* (com função de consoante); *z*.

5. Conclusão

Tendo em vista que Martin Codax era falante nativo de Português Arcaico, o sistema consonantal encontrado é representativo do português medieval dos séculos XIII e XIV e, como tal, contribui para a descrição da fonologia da época e da História da Língua Portuguesa, em geral.

6. Referências bibliográficas

- CUNHA, Celso. *Cancioneiros dos Trovadores do Mar*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1999.
- FERREIRA, Manuel Pedro. *O Som de Martin Codax - Sobre a dimensão musical da lírica galego-portuguesa (séculos XII-XIV)*. Lisboa: UNYSIS, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1986.
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. Araraquara: FCL/Laboratório Editorial/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.
- MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico: fonologia*. 4. Ed. - São Paulo: Contexto, 2001.
- WETZELS, W. L. Consoantes palatais como geminadas fonológicas no Português Brasileiro. *Revista de Estudos Lingüísticos*. Belo Horizonte: v. 9, nº 2, pp. 5-15, jul./dez. 2000.